

PESQUISAS SOBRE OS ACERVOS DO MUSEU D. JOÃO VI E DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

ANAIS ELETRÔNICOS DO IX SEMINÁRIO DO MUSEU D. JOÃO VI



Organizadores

Alberto Martín Chillón
Ana Maria Tavares Cavalcanti
Marize Malta
Sonia Gomes Pereira

Rio de Janeiro, 2019

entre **S**éculos

PPGAV

PROGRAMA DE
PESQUISA EM
ARTES VISUAIS
EBA - UFRJ

 **eBa** ESCOLA DE
BELAS ARTES

 **Centro
de Letras
e Artes**


LIBERTÉ • ÉGALITÉ • FRATERNITÉ
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE
CONSULAT GÉNÉRAL
DE FRANCE
À RIO DE JANEIRO

**INSTITUT
FRANÇAIS**
BRASIL

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

MNBA

Sbm
sistema brasileiro de museus

ibram
instituto brasileiro de museus

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

PESQUISAS SOBRE OS ACERVOS DO MUSEU D. JOÃO VI E DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

ANAIS ELETRÔNICOS DO IX SEMINÁRIO DO MUSEU D. JOÃO VI

Organizadores

Alberto Martín Chillón
Ana Maria Tavares Cavalcanti
Marize Malta
Sonia Gomes Pereira

Rio de Janeiro 2019



Apoio

Programa de Pós Graduação em Artes Visuais –
PPGAV/EBA/URFJ

Organização

Alberto Martín Chillón
Ana Maria Tavares Cavalcanti
Marize Malta
Sonia Gomes Pereira

Roberto Leher

Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Cristina Grafanazzi Tranjan

Decana do Centro de Letras e Artes

Revisão

Alberto Martín Chillón
Flora Pereira Flor

Madalena Ribeiro Grimaldi

Diretora da Escola de Belas Artes

Carlos de Azambuja Rodrigues

**Coordenador do Programa de
Pós Graduação em Artes Visuais**

Editoração e capa

Estúdio Arteônica

Imagem da capa:

Fotografia de uma das galerias da Escola Nacional
de Belas Artes, s/d. Fotógrafo: A. L. Ferreira.
Acervo do Museu D. João VI-EBA-UFRJ.

Marize Malta

Coordenadora do Museu D. João VI

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S471

Seminário do Museu D. João VI (9. : 2018 : Rio de Janeiro, RJ).
Anais eletrônicos do IX Seminário do Museu D. João VI : pesquisa
sobre os acervos do Museu D. João VI e do Museu Nacional de Belas
Artes / Organizadores Alberto Martín Chillón ... [et al.]. – Rio de
Janeiro : NAU, 2019.
281 p.

ISBN 9788587145765

1. Arte - Brasil - Séc. XIX. 2. Arte - Brasil - Séc. XX. 3. Museu D.
João VI. 4. Museu Nacional de Belas Artes (Brasil). I. Chillón, Alberto
Martín. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Belas
Artes. III. Título.

CDD 709.81

SUMÁRIO

7 APRESENTAÇÃO

9 CONFERÊNCIA:

ARS GRATIA ARTIS: AUTORÉFÉRENTIALITÉ ET AUTOREFLEXIVITÉ DANS L'ORNEMENTATION DES MUSÉES

Alain Bonnet

PALESTRAS

19 PAISAGEM NA ACADEMIA: UMA EXPOSIÇÃO NO MNBA E A PESQUISA NO MUSEU D. JOÃO VI

Ana Maria Tavares Cavalcanti e Carlos Terra

36 OS CONCURSOS PARA O PRÊMIO DE VIAGEM EM PINTURA DA ENBA/RJ ENTRE 1892 E 1930 VISÃO GERAL

Arthur Valle

51 BANDEIRANTES E ÍNDIOS NA PINTURA DE HENRIQUE BERNADELLI: O PROCESSO CRIATIVO

Maraliz de Castro Vieira Christo

70 ORA, POIS! NOTÍCIAS DA COLEÇÃO FERREIRA DAS NEVES EM LISBOA

Marize Malta

85 MEMÓRIAS DE UMA VENTAROLA BRASILEIRA

Maria Cristina Volpi

95 OS MODELOS HISTORIOGRÁFICOS NA TEORIA E PRÁTICA DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES

Sonia Gomes Pereira

COMUNICAÇÕES

104 UM OLHAR SOBRE A ALTERAÇÃO ESTÉTICO-FORMAL DE ESCULTURAS EM GESSO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRESERVAÇÃO DE MOLDAGENS DO MUSEU D. JOÃO VI

Ademildes Jardim Gabriel Ayres, Benvinda de Jesus Ferreira Ribeiro e César Casimiro Ferreira

114 REVISITANDO O ESTATUÁRIO FRANCISCO MANUEL CHAVES PINHEIRO (1822-1884)

Alberto Martín Chillón

129 O PRIMEIRO MATERIAL DIDÁTICO PARA UMA ACADEMIA DE ARTES BRASILEIRA: EVIDÊNCIAS DO USO DA COLEÇÃO LEBRETON NA PRÁTICA ACADÊMICA

Amanda Thomaz Cavalcanti

- 140 CAMADAS DO OLHAR: A PINTURA DE PAISAGEM DE HIPÓLITO CARON E O ESQUEMA COMPOSITIVO DE GEORG GRIMM
Ana Carla de Brito
- 152 EROTISMO NA ACADEMIA: O CORPO ALÉM DO MODELO
Ana Renata dos Anjos Meireles
- 160 DAS GALÉIS ÀS GALERIAS E A VISIBILIDADE DO NEGRO NO ACERVO DO MNBA
Ana Teles da Silva, Claudia Rocha e Reginaldo Tobias de Oliveira
- 175 ESTUDOS DE NU DE BAPTISTA DA COSTA EM DIÁLOGO
Brenda Martins de Oliveira
- 191 O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA COLEÇÃO RENATO MIGUEZ DE ARTE POPULAR
Carolina Rodrigues de Lima
- 200 MOLDAGENS EM GESSO DAS ESCULTURAS CLÁSSICAS: AS COLEÇÕES ACADÊMICAS E O CASO DA AIBA/ENBA NOS SÉCULOS XIX E XX
Cybele Vidal Neto Fernandes
- 211 "A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL" (1860) E "LOS FUNERALES DE ATAHUALPA" (1867): CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NA PINTURA ACADÊMICA DA AMÉRICA LATINA
Daiane Gomes Marcon
- 219 ENTRE JUDITE, SALOMÉ E DANÇARINAS ORIENTAIS: "JUDITE E HOLOFERNES" (1880) DE PEDRO AMÉRICO
Fabrizio Miguel Novelli Duro
- 231 CENTRO DE REFERÊNCIA TÊXTIL/VESTUÁRIO (CRVT), PRÁTICAS DE CATALOGAÇÃO E GUARDA PREVENTIVA
Gabriela Lúcio de Souza
- 237 JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE E OS ANOS DE CHUMBO (1961-1964)
Gabrielle Nascimento Batista
- 246 PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO DOS TRABALHOS DECORATIVOS DE RODOLPHO AMOÊDO: ACERVOS DO MUSEU D. JOÃO VI E DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES EM DIÁLOGO
Leandro Brito de Mattos
- 254 NARRATIVAS DE SI: MEMÓRIAS GRAVADAS
Maria Luisa Tavora
- 262 PROJETO GRAVURAS DO MUSEU D. JOÃO VI
Patrícia Figueiredo Pedrosa
- 271 SER MÃE, SER ARTISTA: A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NA OBRA DE GEORGINA DE ALBUQUERQUE
Thais Canfield da Silva

ORA POIS! NOTÍCIAS DA COLEÇÃO FERREIRA DAS NEVES EM LISBOA

Marize Malta

A coleção Ferreira das Neves, constante do acervo do *Museu D. João VI*-EBA-UFRJ e recebida pela *Escola Nacional de Belas Artes* em 1947¹, foi alvo de pesquisa por mim desenvolvida como estágio pós-doutoral no *Instituto de Artes da Universidade de Lisboa*, entre julho de 2017 e julho de 2018, com bolsa da Capes, instituição para a qual, publicamente, deixo meus agradecimentos pela oportunidade concedida. Apesar de termos nos aproximado da coleção desde 2010 e paulatinamente estudado suas peças, em especial as de artes decorativas, o colecionador permanecia um mistério, com parca documentação encontrada nos arquivos do Rio de Janeiro e Niterói, movimento iniciado por Sonia Gomes Pereira (2009) quando se dispôs a apresentar a coleção em evento no Porto, cuja publicação do artigo foi o primeiro passo significativo para recolher documentação e procurar a ligação do casal com Portugal.

Se em idos tempos, foi José Roberto Teixeira Leite (1960) quem iniciou uma aproximação com a coleção Ferreira das Neves, interessado nas pinturas antigas e buscando especialistas (Paul Coremans e Nicole Verhaegen) para auxiliar na definição de autorias, datações e procedências, foi somente após a mudança do *Museu D. João VI* para o sétimo andar do Prédio da Reitoria da UFRJ, com nova proposta museológica e museográfica, quando a coleção Ferreira das Neves, toda reunida em um único espaço, visível na sua complexidade e variedade, pôde contar com pesquisas sistemáticas. O referido museu, reafirmando seu perfil universitário, direcionado à pesquisa, conformando-se como uma reserva técnica aberta ao público, favorecia doravante seu uso como apoio didático às aulas dos mais diversos cursos da Escola de Belas Artes e como laboratório para investigações com contato direto com as obras que salvaguardava, sendo espaço privilegiado do grupo de pesquisa ENTRESSÉCULOS: mudanças e continuidades nas artes no Brasil nos séculos XIX e XX, fundado em 2009, vinculado à linha de pesquisa de História e Teoria da Arte do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da UFRJ.

O compromisso do grupo ENTRESSÉCULOS, seus eventos científicos anuais – Seminários do *Museu D. João VI* – é divulgar as pesquisas empreendidas sobre o acervo, o ensino acadêmico, a arte, a história e a crítica produzidas nos séculos XIX e XX no Brasil, cujas publicações testemunham não só os avanços, as questões e reflexões sobre a produção artística no Brasil, mas destacam os estudos realizados sobre a coleção Ferreira das Neves. Maria Cristina Volpi (2011, 2013a, 2013b, 2014a, 2014b) debruçou-se sobre os objetos pessoais da coleção, cuja ventarola de penas, besouros e beija-flor acabou por revelar um rico universo de pesquisa, até hoje rendendo frutos. Maria Fernanda Lochschmidt

(2013, 2014, 2015), especialista em porcelana oriental, publicou análises e identificações das peças Companhia das Índias e ainda outros objetos orientais em marfim e esmalte. Assistida por bolsistas de Iniciação Científica e de Iniciação Artística e Cultural da UFRJ, procuramos levantar documentações, compreender tanto o conjunto da coleção, ou seja, sua lógica complexa, procedendo à conferência do acervo, quanto nos debruçar sobre alguns subconjuntos, como xícaras, retratos, objetos com engrenagens, livros, objetos religiosos e também certas peças específicas (MALTA, 2012a, 2012b, 2013, 2014a, 2014b, 2014c, 2015a, 2015b, 2017, 2018a, 2018b).

Além das pesquisas realizadas no Brasil, contou-se também com a parceria de colegas portuguesas nos últimos anos (SERRÃO, 2016; SOARES, NETO, 2017; SERRÃO, 2018), ancorada no intercâmbio de pesquisa entre o Instituto de Artes da Universidade de Lisboa e o PPGAV-EBA-UFRJ, com a realização de colóquios anuais, que se alternam entre Lisboa e Rio de Janeiro, acerca de coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX.

Das investigações empreendidas até 2017, estava claro que o casal Ferreira das Neves residira em fins do século XIX em Lisboa, o que justificava a ausência de notícias suas nos periódicos cariocas e fluminenses, fato reforçado por Jerônimo Ferreira das Neves ter sido citado por alguns articulistas portugueses², no mesmo período, como bibliófilo (VASCONCELOS, 1896: 83; SOUSA VITERBO, 1903: 147), camoniano (AMORIM, 1889: 143; BRITO ARANHA, 1888: 389), colecionador de medalhas e moedas (SOUSA VITERBO, 1903: 147) e de relógios (SOUSA VITERBO, 1915: 11-12). No testamento de Eugênia Barbosa de Carvalho Neves, praticado em 1934, já era anunciada essa contingência, por meio de inúmeras doações para primos e amigos residentes em Portugal (Lisboa e Setúbal) e em Paris, bem como o vínculo de seu marido com livros raros. Diante do estado da questão, restava um esforço de pesquisa em Lisboa para melhor compreender o contexto que favoreceu a aquisição da coleção, dados sobre a vida do casal na sua estada em Lisboa e o estudo de algumas peças, no intuito de definir procedências e datações ainda não esclarecidas³.

Uma das primeiras confirmações da estada do casal em Lisboa se deu pelo levantamento de documentação na Sociedade de Geografia de Lisboa, órgão fundado em 1875. Jerônimo Ferreira das Neves tornou-se Sócio Ordinário em 9 de novembro de 1885, condição que demandava obrigatoriedade de residência em Portugal, diferente da situação de sócio correspondente. Apesar de não ter sido registrada sua presença nas reuniões, nem de ter realizado qualquer publicação, pronunciamento ou ser mencionado em alguma sessão, ele se manteve como sócio até 1891, quando se desligou da Sociedade. No livro de Registro de Sócios Ordinários da dita entidade [Figura 1] não constava endereço, apenas Lisboa como cidade de residência, nem os motivos de sua desistência como sócio. Também não foi localizada nos arquivos da Sociedade de Geografia nenhuma outra documentação que registrasse mais informações sobre Jerônimo, exceto a ata da reunião quando seu nome foi proposto para sócio, indicado por Luciano Cordeiro, R. A. Pequito e Marrecas Ferreira, quando é tratado por jurisconsulto, atividade que ainda não havia sido relacionada a Jerônimo.

Outra suspeita é que fosse membro da Academia de Ciências, como tantos outros colecionadores e bibliófilos de seu tempo, mas seu nome não consta no banco de dados nem nas fichas nominiais nos arquivos da referida instituição. Sousa Viterbo, em sessão da dita Academia o cita em seu pronunciamento, que, além de outras menções, aponta para a existência de algum relacionamento. Entretanto, não foi localizado até o momento nenhum arquivo ou fundo que pudesse constar de cartas e outros documentos que configurassem uma amizade entre os dois, mesmo que Sousa Viterbo afirmasse ser seu amigo em alguns de seus livros (SOUSA VITERBO, 1892: 7; SOUSA VITERBO, 1899: 320).

Ainda não encontramos documentação que afixasse algum negócio empreendido pela família Ferreira das Neves em Lisboa. Exceto Jerônimo, que permaneceu no Rio de Janeiro após a morte de seu pai, o comendador Francisco Ferreira das Neves, fato ocorrido em julho de 1871, em Niterói, sua mãe e seus irmãos foram para a Europa e fixaram residência em Lisboa (em data ainda incerta)⁴. Jerônimo neste ano se tornou guarda-marinha, em 1º de dezembro, atuando em missões durante quase um ano (Corveta Niterói e Corveta Vital de Oliveira⁵), quando solicitou desligamento da Marinha em 10 de outubro de 1872. Até seu casamento em 25 de maio de 1881, ainda nada se sabe a seu respeito⁶.

Registro de Sócios Ordinários

| N.º | Nome | Residência | Data da Eleição | Observações |
|-----|--|---|-----------------------|--|
| 111 | P. Alberto Gomes Coutinho Ferreira | S. Paulo | 19 Outubro 1835 | Faleceu em Lisboa a 22/11 |
| 112 | P. Jerônimo Ferreira das Neves Sobrinho | Lisboa | 9 de Novembro 1835 | Faleceu em 1881 |
| 113 | Joaquim Pedro de Andrade Martins | Lisboa | 9 Novembro 1835 | Faleceu em julho 1873 Faleceu em Lisboa em 1873 Faleceu em Lisboa em 1873 Faleceu em Lisboa em 1873 |
| 114 | Antônio de Sousa Pinheiro Lempereur | Porto | 9 Novembro 1835 | Faleceu em 1873 Faleceu em 1873 Faleceu em 1873 Faleceu em 1873 |
| 115 | Luiz Rebelo da Silva | FALECEU ONTEM o prof. dr. Luiz Rebelo da Silva | 9 Novembro 1835 | Faleceu em Lisboa em 1881 |

Figura 1 – Livro de Registro de Sócios Ordinários da Sociedade de Geografia de Lisboa, onde consta, sob o número 1.152, Jerônimo Ferreira das Neves Sobrinho. Fotografia da autora, agosto de 2017.

A mãe de Eugênia veio a falecer em 1882, quando residia em Portugal, sendo o processo de partilha de bens ocorrido em 1885, na Vara Cível do Rio de Janeiro, no qual consta que o pai de Eugênia, ela e Jerônimo residiam na rua da Emenda, nº 79, freguesia da Encarnação, Lisboa. Tal fato pode indicar que o casal Ferreira das Neves já morasse em Lisboa anteriormente, tendo em vista que os parentes de ambos lá se encontravam, como o tio, seu homônimo.

Jerônimo tio, também comendador da Ordem Militar de N. Sra. Da Conceição de Vila Viçosa, como o irmão Francisco, era proprietário de vários imóveis em Lisboa, incluindo uma quinta e algumas lojas, informações provenientes de diversos processos encontrados na Torre do Tombo e no Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças⁷. Quando faleceu, em 19 de agosto de 1890, havia poucos bens. Segundo seu testamento, realizado em 2 de fevereiro de 1880, afirmava ter distribuído e gasto quase todos os seus haveres. No mesmo, relatou que havia sido casado no Brasil, onde morou por alguns anos, com Senhorinha Ferreira das Neves, falecida em 7 de outubro de 1837, e que tiveram uma filha, Maria Ferreira das Neves, batizada no município de Magé, a qual casou com um irmão seu, Francisco, e deste matrimônio nasceram seis filhos. Das segundas núpcias com Maria Adelaide, natural de Lisboa, não tiveram filhos⁸.

A partir do testamento de Maria Ferreira das Neves, realizado em 23 de junho de 1910, em Lisboa, conseguimos saber o nome de todos os filhos do casal: Alfredo, Francisca, Jerônimo, José d'Alcântara⁹, Francisco Carlos¹⁰ e Maria, sendo esta última já morta quando o pai faleceu em 1871¹¹. A relação da mãe com Alfredo e Jerônimo não parecia nada amistosa, tendo em vista que da terça parte dos bens de que poderia dispor livremente, não os contemplou “pelos suas faltas de amizade e pouco respeito para comigo”. Tal situação parece ter justificado o pedido de arrolamento de bens de seu filho Jerônimo quando veio a óbito, o que gerou um processo¹² de inventário que nos permitiu conhecer todos os pertences que Jerônimo e Eugênia possuíam em Lisboa. No testamento de Jerônimo, registrado em 18 de fevereiro de 1897, quando residia na Rua das Flores, nº77 [Figura 2], Lisboa, delegava à sua mulher a atuação como cabeça de casal e testamenteira, cabendo a ela a terça parte de seus bens, pois, por não terem tido filhos, a ascendente seria a herdeira de 2/3 do total, como prescrevia a legislação à época. Caso a mãe viesse a falecer antes dele, Eugênia seria a herdeira universal.

Quando Jerônimo faleceu em 1918, Eugênia procedeu aos trâmites legais no 1º Ofício de Niterói (Cartório Peixoto) para realizar o inventário de seu marido e concluir a partilha de seus bens que, sem deixar herdeiros, conferiria para sua ascendente, a mãe Maria, dois terços de sua herança. Acontece que a mãe, sabedora de que seu filho deixara livros e objetos de arte encaixotados em Lisboa solicitou indevidamente o arrolamento desses objetos na 2ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, além de ocultar o inventário pendente no Brasil, com a intenção de por tudo à venda em leilão, ação que seria de responsabilidade do outro filho, Francisco Carlos, nomeado depositário dos bens. Alegando a ameaça de deterioração dos itens arrolados, Francisco Carlos, com aprovação do juiz responsável pelo processo, transportou grande parte deles para sua residência, à Rua de Castilho, nº 11, rés-do-chão, e requereu permissão para sua venda, fato que acabou por não ocorrer,

tendo em vista que Eugênia entrou com requerimento de suspensão da ação, reclamando da impertinência do papel de testamenteira e inventariante pela sogra. Apesar de Eugênia ter ganho a causa, não sabemos ainda como se deu a divisão dos bens, em que condições ela resgatou a parte que lhe cabia na casa do cunhado e os trâmites envolvidos para remetê-los para o Brasil.



Figura 2 - Fotografia atual do imóvel onde residiram Eugênia e Jerônimo Ferreira das Neves à época de seu testamento (1897), situado na Rua das Flores, nº77, Chiado, Lisboa. Fotografia da autora, junho de 2018.

Eugênia e Jerônimo deixaram em depósito em mão de M. Luiz da Silva¹³ 135 caixotes, à rua Marques da Silva, nº 79, Lisboa. Sem sabermos os motivos que os levaram a tal atitude¹⁴, é fato que partiram para o Brasil sem seus preciosos pertences, deixando-os por vinte anos guardados, assim como outros deixados em dois guarda-móveis em Paris (Maison Bedel & Cie. e Garde Meuble Nenilly Raout Grospron). Após terem retornado ao Brasil em 1901¹⁵, com residência em Niterói, somente há notícias de que frequentavam missas de sétimo dia¹⁶. O que podemos supor é que pretendiam reaver seus pertences, seja enviando-os para o Brasil ou voltando a residir em Lisboa, efetuando pagamentos anuais pelos serviços de guarda.

Diante da leitura do processo verificamos que havia muito mais itens do que aquilo que veio a ser denominado coleção Jerônimo Ferreira das Neves, incluindo móveis, objetos, livros e vestimentas usados no dia a dia, ditos por Eugênia sendo de sua estimação, “especialmente em parte, porque eram os que guarneciam a sua casa de habitação” (PORTUGAL. Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, fl.71 verso). Tudo o que se encontrava nos caixotes foi arrolado e avaliado, compreendendo 1.943 descrições¹⁷, chamadas de verbas (sendo algumas referentes a mais de um objeto). Durante a operação, empreendida entre março e junho de 1919, cada item recebia dois selos: um com o número da verba e outro, com a rubrica P. Solla, do juiz de direito Antônio de Castro Pereira e Solla, responsável pelo auto de arrolamento e imposição de selos¹⁸.

Em virtude da partilha dos bens arrolados, Eugênia não pôde reaver todos os seus pertences, mas somente parte deles, sendo alguns relacionados a lembranças de amigos e familiares, assim descrito em lista anexada ao processo e efetuada pela própria (PORTUGAL. Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, fls. 463 a 478). Decerto, foi ela quem realizou as escolhas do que viria a ser a coleção Jerônimo Ferreira das Neves, já bastante dilapidada do original conteúdo. É inequívoco que muitos dos bens guardados nos caixotes eram de Eugênia, provavelmente alguns herdados dos pais e parentes ou mesmo adquiridos por ela, e que acabaram por serem considerados patrimônio de Jerônimo¹⁹.

Na busca em catálogos de leilões em Portugal, até agora, nem Jerônimo ou Eugênia foram citados compradores, exceto alguns específicos sobre livros raros, quando constam compras de Jerônimo. Por meio de notícias de jornais, há menção de aquisições de obras de arte do sr. Ferreira das Neves, sem definição de qual membro da família seria, como na exposição do Grêmio Artístico de 1891, quando são comprados os quadros: *A Estrada de S. Sebastião em Collares*, de Salgado, por 18:000 réis; *Cancellaria, Serreleis (Minho)*, de Silva Porto, por 36:000 réis; *Rapariga italiana*, de Salgado, por 36:000 réis (A Vanguarda, 17 de março de 1891, p.3)²⁰. Mesmo outra notícia sobre exposição no Grêmio Artístico (15 de março a 15 de abril de 1891), há referência do quadro *Cabeça de Preto (estudo)*, de Adolfo de Sousa Rodrigues, dito artista estreante, mencionado como pertencente a José de Alcântara Ferreira das Neves (GOLÇALVES, 2017). Entretanto, nenhum desses quadros figuram no arrolamento dos bens de Jerônimo e Eugênia.

No Museu Anastácio Gonçalves, detentor de arquivo com importantes anotações de aquisição de obras de seu patrono, há comentários sobre compra de quadros e porcelanas dos Ferreira das Neves. Essas informações levam a crer que a família nutria interesse

por obras de arte, nas suas diferentes modalidades, tanto em peças antigas, no caso de Jerônimo, quanto por artistas contemporâneos portugueses, predileção de seus irmãos.

De certo modo, o inventário veio confirmar o que a coleção doada já apresentava em termos de gosto do casal. Jerônimo e Eugênia tinham preferência por quadros de temática religiosa (Sagrada Família, Nossa Senhora, Cristo, fuga para o Egito, santos, anjos, Judite e Holofernes, juízo final), retratos (Lutero, Carlos Duque de Burgo, rei dom Fernando Aragon, Margarida d'Áustria), pintura de gênero, flores, paisagens e algumas batalhas. Certas pinturas foram mencionadas no arrolamento como espanholas e outras, de escola holandesa, sendo a maioria sem autoria assinalada. Havia também algumas esculturas de santos em madeira, marfim, louça e sebo. Para além dos muitos móveis descritos (em pau santo, tuia e mogno), alguns ditos de estilo Império, impressiona a quantidade de peças de porcelana, indiscutivelmente outra estima do casal, com destaque para as orientais (China e Japão), sendo muitas tipologias inexistentes na coleção doada, como açucareiro, bule, fruteira, talha, garrafa, molheira, saladeira, cinzeiro, esculturas de animais, etc. Das europeias, a maioria era de manufatura francesa, inglesa, alemã e italiana. Com exceção das moedas e medalhas que fazem parte da coleção Ferreira das Neves, praticamente todos os



Figura 3 – Ex-libris da Biblioteca Jerônimo Ferreira das Neves. Stern – Paris. Gentilmente doado ao Museu D. João VI-EBA-UFRJ pelo colecionador Sérgio Avelar, a quem agradeço muitíssimo pela generosidade.

demais objetos estão contemplados no arrolamento dos bens. O medalhão do ateliê Della Robbia não está registrado, mas consta um medalhão de cerâmica e sua moldura, vitrais e quadros (sem especificação) na lista do guarda-móveis de Nenilly, em Paris.

Os muitíssimos livros inventariados eram praticamente todos encadernados em couro e gravados, sendo os mais antigos dos séculos XVI, XVII e XVIII, confirmando a fama de bibliófilo americanista que Jerônimo detinha em Lisboa. As verbas eram descritas com título, autor e ano, e cor da encadernação, compondo uma significativa lista bibliográfica bastante variada, para além dos livros raros. Será necessário um novo esforço de pesquisa, de modo a compreender a chamada Biblioteca Jerônimo Ferreira das Neves, detentora de ex-libris, desenhada por J. Stern, retratando a chegada de Colombo à América [Figura 3], a qual foi vendida em leilão em Paris em 1976²¹.

A quantidade de caixas de vinho sugere uma provável ligação de Jerônimo com o comércio de bebidas, a não ser que fosse um assíduo anfitrião, o que certamente refletiria em notas sociais nos periódicos lisboetas da época, sem procedência. No inventário foram arroladas 1.090 garrafas de vinho do Porto; 66 de vinho da Madeira; 39 de conhaque e 16 de Jerez. Mesmo que haja um descompasso entre a quantidade computada por Eugênia (1.137 garrafas) e a do inventário, mais de mil garrafas de vinho do Porto, algumas numeradas e outras com datação de 1815, implica um investimento significativo, seja como dividendo ou para comercializar. Contudo, ainda não foi possível constatar a relação de Jerônimo com alguma empresa comercial em Lisboa.

Em documentação encontrada na Torre do Tombo a respeito da comenda concedida a Francisco Ferreira das Neves, pai de Jerônimo, consta que era proprietário de uma fábrica de refinaria de açúcar e licores no Rio de Janeiro²², e de ser fidalgo cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição²³. Mencionado no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, em anúncio do Tribunal do Commercio, de 3 de abril de 1856, fazia-se público que no mês de março havia se matriculado como comerciante “Francisco Ferreira das Neves, súbdito português, com commercio de generos nacionais e estrangeiros por atacado e retalho nesta côrte” (*Dário do Rio de Janeiro*, 1856: 3)²⁴. Possuía também fazenda de café na freguesia do Espírito Santo, em Barra Mansa.

O pai de Jerônimo deveria gozar de confortável situação financeira e boa reputação no Rio de Janeiro, face a sua situação como proprietário, comerciante, capitalista e fazendeiro e aos seus vínculos com irmandades e sociedades beneficentes. Foi provedor da Irmandade de Nossa Senhora das Neves, um dos definidores da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (também tesoureiro), integrante da Sociedade Portuguesa de Beneficência, membro da Irmandade do SS. Sacramento da Antiga Sé (mesário) e da Irmandade do Divino Espírito Santo da Matriz de Santa Rita (definidor por devoção)²⁵.

Se Jerônimo prosseguiu com comércio de bebidas ou obteve independência financeira por herança de seu pai ainda são fatos a serem esclarecidos, como muitos outros que nos permitam conhecer os meios de aquisições de seus bens, bens estes que necessariamente não seriam considerados uma coleção de arte, mas assim foram por desígnio de Eugênia a qual, mesmo vendo seus pertences serem desencaixotados, remexidos, descritos e avaliados, e parte deles transferidos à sogra, soube garantir dignamente a perpetuação da memória

do marido e sua própria, transformando o infortúnio em redenção. Que possamos fazer jus à sua luta e à sua benevolência, ressuscitando suas histórias e as histórias que os objetos da coleção podem contar. Eles são os sobreviventes que envolvem muitas temporalidades, personagens e trânsitos, foram reunidos em Lisboa em fins do século XIX e chegaram até nós, em pleno século XXI no Rio de Janeiro, cujas potências estéticas estão, pouco a pouco, sendo anunciadas e exploradas, valorizando essa pequena notável coleção, ora pois!

NOTAS

1. A doação da coleção Jerônimo Ferreira das Neves foi decorrência do desejo de Eugênia Barbosa de Carvalho Neves, registrado em testamento realizado em 27 de julho de 1934. Após seu falecimento, em 30 de novembro de 1946, foi seu primo, Dr. Manoel Bezerra Cavalcanti, quem procedeu ao inventário. Também constava doação à Academia Brasileira de Letras, a qual dela desistiu por não ter condições de arcar com os impostos, sendo tudo posto à venda, com a devida autorização judicial, pelas mãos do leiloeiro público Jayme Cesar Leite, em 20 de dezembro de 1950, à rua São José, nº 63, Rio de Janeiro. Ainda em vida, Eugênia doou uma placa de cobre gravada por Gaspar Froius Maxadus ao Museu Histórico Nacional, oferta realizada por carta de 22 de fevereiro de 1929. Trata-se do príncipe regente D. João e Carlota Joaquina apresentando seu filho, futuro imperador D. Pedro I do Brasil, à nação e à história. Apesar da placa ter sido aceita e recebida, ela não se encontra no MHN. Deixo meus agradecimentos à equipe e ao diretor do MHN que me auxiliaram na busca da documentação e da peça.
2. As primeiras investigações relacionadas a citações sobre Jerônimo Ferreira das Neves por seus contemporâneos em Lisboa foram realizadas por Maria João Neto e Clara Moura Soares, a quem agradeço o compartilhamento das informações.
3. No presente artigo, detemo-nos nas informações sobre a vida do casal e seus familiares, até o momento levantadas, deixando para outras oportunidades as demais questões desenvolvidas no estágio pós-doutoral.
4. Há anúncio no Diário do Rio de Janeiro da partida de M. F. das Neves e quatro filhos e Jerônimo Ferreira das Neves, dia 2 de novembro de 1871, no pacote inglês a vapor “Araucania”, comm. Weaver, para Liverpool e escalas (MOVIMENTO NO PORTO, 1871: 3). Neste caso, trata-se do tio que veio ao Brasil para realizar o inventário do irmão, auxiliando a filha viúva.
5. Informações recolhidas a partir da ficha de Jerônimo Ferreira das Neves no Arquivo da Marinha no Rio de Janeiro, a qual foi digitalizada e obtida por intermédio do comandante Paulo Biasoli, a quem muito agradeço. A primeira pesquisa sobre Jerônimo no Arquivo da Marinha foi realizada por Elaine Moraes França, bolsista PIBIC.
6. No Almanak Laemmert para o ano de 1882, Jerônimo Ferreira das Neves aparece na listagem de “Capitalistas, proprietários de prédios, de fazendas, etc.”, com endereço na rua Voluntários da Pátria, 163 (p.154).
7. Agradeço à Maria João Vilhena de Carvalho, conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga, responsável pela Coleção de Escultura, pela indicação de tal arquivo, cuja catalogação está em grande parte indexada on line e permitiu encontrar uma série de processos que possibilitaram chegar aos documentos originários na Torre do Tombo. Também agradeço a João Sabino e à Maria do Céu Beja, do Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, pelo atencioso e prestimoso atendimento.

8. No mesmo testamento, Jerônimo tio defende sua esposa, Maria Adelaide, afirmando que ela nunca o prejudicou nem o lesou, sendo calúnias qualquer invenção que prejudicasse seu crédito, fazendo esta declaração porque “esta minha filha será capas (sic) de todas quantas malvadezas poder inventar, assim como o tem feito para com o seu pai por ser esse o seu caráter, sendo ella quem abreviou os meus dias de tantas malvadezas (sic) não lhe perdou-o a minha consciência só me acuzo (sic) de fazer bem e que fiz o que um pai pode fazer para com um filho”. (PORTUGAL. Ministério das Finanças. Repartição de Fazenda do 3º Bairro. fl.5). No mesmo documento diz-se natural de Lisboa e batizado na Freguesia de S. Thiago da Vila de Almada e residente na rua da Rosa, nº168, casa senhorial ainda hoje existente no Bairro Alto, como estabelecimento de ensino fundamental. À época do testamento (30 ago.1890), Maria Ferreira das Neves residia na rua São Pedro de Alcântara, nº95, Lisboa.

9. José de Alcântara foi muito amigo do pintor Adolfo de Sousa Rodrigues, bem como adquiriu obras de alguns pintores naturalistas portugueses (GONÇALVES, 2017: 8). Casou-se com Hilda Ellen Maria Hathsnau, enteada do Dr. Rebello da Silva, conceituado clínico de Lisboa (O Paiz, 7 set 1894, p.2).

10. Francisco Carlos era natural de Niterói e fixou residência em Lisboa. Em buscas nos periódicos cariocas, foi anunciado seu matrimônio no Consulado Geral do Brasil com Anna Rebello da Silva, natural de Lisboa e filha do clínico Dr. Antônio Monteiro Rebello da Silva (O Paiz, 5 set 1894, p.2).

11. A partir de processo de pagamento de imposto de transmissão de jazigo que pertencera a Jerônimo, após falecimento de sua mãe, foram seus filhos, como herdeiros, que procederam ao pedido, em 1927. Constavam os seguintes nomes com seus respectivos estados civis, ocupações e endereços: Francisca Ferreira das Neves Ribeiro Caldas, viúva, doméstica, moradora na Avenida Fontes Pereira de Melo, nº18-2º; José d’Alcântara Ferreira das Neves e mulher Ellen Rathsmann Ferreira das Neves, proprietários, moradores na Rua de Souza Martins, nº2; Francisco Carlos Ferreira das Neves e mulher Anna Rebelo da Silva Ferreira das Neves, proprietários e moradores na Rua Castilho, nº11-rés do chão, todos de Lisboa (PORTUGAL, Ministério das Finanças, 1927: 11).

12. O processo se encontra na Torre do Tombo no fundo do Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa e, após investigações de vários documentos em que constava o nome de Jerônimo Ferreira das Neves, o tio, o referido processo nos chegou às mãos no dia do aniversário de Jerônimo Ferreira das Neves Sobrinho. Coincidência ou não, acessamos o primeiro volume (maço 133) sem saber ainda que havia continuidade, o que não estava discriminado na sua catalogação, demandando novas procuras até que se achassem os demais volumes, fato que acabou por retificar sua catalogação nas bases do arquivo. O processo consta de quatro volumes, sendo três relacionados ao inventário e um referente ao processo de agravo impetrado por Eugênia, todos sob o número 2004: vol. 1 – fls. 1 a 266; vol. 2 – fls. 267 a 462; vol. 3 – fls. 463 a 504 + juntada fl. 305 a 359; 2º apenso (agravo de petição) – fls. 1 a 43.

13. À época do inventário, M. Luiz da Silva já havia falecido e era representado por seu filho, o Dr. Marçal da Silva.

14. No Arquivo Nacional no Rio de Janeiro há um processo do Tribunal Civil do Rio de Janeiro em que Jerônimo solicita falência do negociante Antônio Luiz Ferreira de Carvalho, de quem era credor, do valor de 55 contos, 604 mil e cinquenta réis, trâmite ocorrido em 1901, o que coincide com a chegada do casal no Brasil.

15. Jerônimo e a esposa deram entrada no Rio de Janeiro em 7 de outubro de 1901, pelo pacote francês “Cordillère”, proveniente de Bordéus e escalas – 16ds. (81/2 ds. de Dakar)(Diário de Notícias, 8 outubro 1901, p.5).

16. Eugênia e Jerônimo participaram em 15 de abril de 1915 da missa de sétimo dia do jornalista Julio Ramos (O Paiz, 16 abril 1915, p.5), em 15 de maio de 1915, na do almirante Raymundo de Mello Furtado

Mendonça (O Paiz, 16 maio 1915, p.,5) e Eugênia, em 9 de agosto de 1915, na de Francisca Torres Bocayuva (O Paiz, 11 agosto 1915, p.5).

17. Esse número não corresponde ao total dos bens arrolados porque há muitos itens repetidos, constando de dois números diferentes de verbas para o mesmo objeto, sem que os envolvidos se dessem conta. Somente com uma conferência mais minuciosa da listagem será possível chegar à quantidade exata. Afora os livros, praticamente mais da metade dos quadros, esculturas e móveis foram arrolados por uma segunda vez no processo, com as mesmas descrições, medidas e valores.

18. Ainda hoje algumas peças da coleção Ferreira das Neves possuem esses selos, permitindo confrontar com a listagem do inventário e corroborar sua procedência.

19. Quando localizarmos o processo de inventário de Jerônimo realizado por Eugênia no 1º Ofício, cartório Peixoto, em Niterói, teremos mais clareza do que foi considerado como patrimônio móvel e imóvel de Jerônimo. Entretanto, já no processo de inventário de Lisboa, Eugênia declara que os bens do finado marido eram: em Niterói, 5 prédios térreos sítos à rua José Bonifácio, nºs. 31 a 47; terreno situado à rua Presidente Pedreira, ocupado por 2 casas antigas nºs. 125 e 127; em Lisboa, 135 caixotes contendo livros, vinhos e coleções de antiguidades; dívida – os prédios nºs. 31 e 35 da rua José Bonifácio hipotecados ao Banco Credit Foucien du Brésil e de l’Amerique du Sud, pela quantia de 30 mil francos (PORTUGAL. Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, fl. 77verso e 78).

20. Agradeço a Vera Mariz pelo compartilhamento dessa informação, a partir de pesquisas por ela realizadas sobre a Empresa Liquidadora nos periódicos portugueses, dentro de seu pós-doutoramento no Artis da Universidade de Lisboa.

21. Vale lembrar que os livros doados por Eugênia à ENBA não possuem ex-libris, portanto não faziam parte da Biblioteca Jerônimo Ferreira das Neves.

22. Em processo sobre a concessão do título de cavaleiros da Ordem da Torre e Espada, que decorreu no Decreto de 30 de dezembro de 1850, há carta de 1849 de João Baptista Nogueira para o conde de Thomar, em que se sugere a concessão da comenda aos portugueses residentes no Rio de Janeiro pela contribuição voluntária para os reparos da Nau Vasco da Gama, que havia naufragado. Em seguida, em outra carta, há relação nominal, profissão, posição social e estudos dos súditos portugueses envolvidos. Nela consta: “Francisco Ferr^a das Neves. Dono de uma grande fabrica de refinação d’Assucar, e destilação de licores. Cazou com a filha única de um Irmão, do qual herdou não pouco dinheiro, é Proprietario e tem bom nome”. (PORTUGAL. Ministério do Reino).

23. Francisco Ferreira das Neves era natural de Almada, Comendador da Ordem de N. Sra. da Conceição, filho de Joaquim Ferreira das Neves. Fidalgo cavaleiro (tomado de novo), com 1\$600 réis de moradia por mês e 1 alqueire de cevada por dia. Em 24.10.1859 (fls. 214 Vº 215), correspondente ao livro 17 (1854-1861) (Borrego, 2017: 337).

24. No Almanak Laemmert para o ano de 1853, na seção de Confeitarias, dos 27 estabelecimentos, constam duas confeitarias da família Ferreira das Neves: Da Estrella, Francisco Ferreira das Neves & C., localizada na rua do Catete, 129 (p.508), e Jeronymo Ferreira das Neves & Irmão, situada no largo do Capim, 156 (p.508).

25. Em buscas no Almanak Laemmert, na BN Digital, diversas informações foram levantadas sobre Francisco Ferreira das Neves. No Almanak para o ano de 1860, na seção da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, consta como Definidores da Ordem, em 10ª posição, Francisco Ferreira das Neves, como residente no Largo do Capim, nº 156 (p.399). Também fazia parte da Sociedade Portuguesa de Beneficência, dentre os 24 Conselheiros Mordomos do hospital da referida sociedade (p.420). Também

aparece na listagem de Negociantes Estrangeiros de Importação e Exportação, com endereço na rua do Rosário, 146 (p.559). No município de Barra Mansa, na freguesia do Espírito Santo, aparecia na listagem de Fazendeiros de Café, quando foi citado também Manoel Ferreira das Neves (p.232)(Manoel Ferreira das Neves, constava na listagem do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, como “Mestre da officina typographica”, desde 1861)(A partir de 1864, Manoel aparece como diretor e/ou dono de colégio de instrução elementar, seguindo assim por vários anos). No Almanak para o ano de 1862, Francisco aparece como capitalista, com endereço na rua de São Pedro, 158 (p.444), e na listagem de negociantes nacionais, com estabelecimento na rua do Capim (p.488). Neste ano, na listagem de fazendeiros de café de Barra Mansa, surge o nome de Joaquim Ferreira das Neves (p.192). No Almanak para o ano de 1863, na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, Francisco Ferreira das Neves consta como Theoureiro, residente na rua de S. Pedro, 156 (p.365) e como uma das zeladoras da Ordem, D. Maria Ferreira das Neves, dita “esposa do actual tesoureiro comendador Francisco Ferreira das Neves” (p.366). Neste ano Francisco também aparece na Irmandade do SS. Sacramento da Antiga Sé, na listagem dos Mesários (p.333) e na Irmandade do Divino Espírito Santo da Matriz de Santa Rita, na listagem de Definidores por Devoção (p.380), permanecendo como provedor da Irmandade de Nossa Senhora das Neves (p.382), sendo a esposa vice-provedora (p.383). Consta na listagem de Capitalistas – Proprietários de Prédios, etc., com endereço na rua de S. Pedro, 158 (p.448) e na de negociantes nacionais (p.491) e estrangeiros (p.503) e reaparece como fazendeiro de café (p.354), ainda em Barra Mansa. Na província do Espírito Santo, no município de Itapemirim, aparece como professor de Primeiras Letras, João Ferreira das Neves. No Almanak para o ano de 1871, Maria Ferreira das Neves consta no ano compromissal de 1870 a 1871 da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, como Vigária do Hospital (p.365). E o comendador Francisco Ferreira das Neves fazia parte da Comissão Fiscal da Companhia Barcas Fluminense, que fazia a navegação entre a corte e Niterói (p.402). Nas décadas de 1860 e 1870, Francisco e Maria (ainda não sabemos o ano de seu matrimônio) residiram no largo do Capim e na rua São Pedro. Apesar de termos certeza de que Francisco tinha como irmão Jerônimo, cujos pais eram Joaquim e Anna Rita, ao que parece, Manoel e Joaquim podem ter sido outros de seus irmãos.

REFERÊNCIAS

- ALMANAK LAEMMERT: Administrativo, Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro: Typ Universal de Laemmert, 1853-1871.
- AMORIM, Francisco Gomes de. **Os Lusíadas de Luiz de Camões**. Edição crítica e anotada em todos os logares duvidosos, restituindo quanto possível, o texto primitivo pela correção de erros que nunca se tinham expungido. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1889.
- BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira. **Mordomia-mor da Casa Real. Foros e Offícios. 1755-1910**. Lisboa: Tribuna da História, 2007.
- BRASIL. Tribunal Civil do Rio de Janeiro. 1901. Arquivo Nacional. Fundo C4, maço 326. nº 7383.
- BRITO ARANHA. Pedro Wenceslau de. **A obra monumental de Luiz de Camões**. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional, 1888.
- GONÇALVES, Ramiro. Adolfo de Sousa Rodrigues (1866-1908): um pintor insatisfeito. **Isleña**, n.61, p.5-28, jul.-dez. 2017.
- GRÊMIO ARTÍSTICO. **A Vanguarda**, Lisboa, p.3, 17 de Março de 1891.
- LOCHSCHMIDT, Maria Fernanda. As porcelanas chinesas da coleção Jerônimo Ferreira das Neves. In: Malta, M.; PEREIRA, S.; Cavalcanti, A. (Orgs.) **Ver para crer: visão, técnica e**

interpretação na Academia. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, 2013, p.207-218.

_____. As porcelanas chinesas do colecionador Jerônimo Ferreira das Neves. In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (Eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX: perfis e trânsitos.** Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio, 2014, p. 109-120.

_____. Caixas de metal esmaltado. In: CAVALCANTI, Ana; MALTA, Marize; PEREIRA, Sonia Gomes (Orgs.). **Coleções de arte: formação, exibição e ensino.** Rio de Janeiro: Rio Books/Faperj, 2015, p.93-100.

_____. Marfins trabalhados na China na Coleção Ferreira das Neves. In: TERRA, Carlos G.; MALTA, Marize (Orgs.). **Arquivos da Escola de Belas Artes**, n.23. Especial. Por Dentro: fontes, no Museu D. João VI. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014, p.153-159.

MALTA, Marize. Arte em casa: colecionismo de objetos em fins do século XIX no Rio de Janeiro e a coleção Jerônimo Ferreira das Neves. In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (Eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX: perfis e trânsitos.** Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio, 2014a, p.123-138.

_____. As artes decorativas e a personalização na coleção Ferreira das Neves do museu d. João VI. In: MALTA, Marize; PEREIRA, Sonia Gomes; CAVALCANTI, Ana (Orgs.). **Novas perspectivas para o estudo da arte no Brasil de entresséculos.** Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, 2012a, p.225-233.

_____. Mania por xícaras: a arte de colecionar no século XIX. In: FLORES, Maria Bernardete; PETERLE, Patricia (Orgs.). **História e arte: herança, memória, patrimônio.** São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014b, p.184-208.

_____. Manipulações na história da arte: visões múltiplas da coleção Ferreira das Neves a partir do contato tátil com as peças no Museu D. João VI-EBA-UFRJ. In: CAVALCANTI, Ana et. Al. (Orgs.). **Arte e seus lugares: coleções em espaços reais.** Rio de Janeiro, Nau, 2018a, p.113-123.

_____. Outras perspectivas e alguns avanços sobre a coleção Ferreira das Neves. In: CAVALCANTI, Ana; MALTA, Marize; PEREIRA, Sonia Gomes (Orgs.). **Coleções de arte: formação, exibição e ensino.** Rio de Janeiro: Rio Books/Faperj, 2015a, p.233-250.

_____. Peças proscritas em uma coleção e um colecionador autoexilado em Portugal: o caso Ferreira das Neves. In: NETO, Maria João; MALTA, Marize (Eds.). **Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX: coleções em exílio.** Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio, 2018b, p.171-188.

_____. Pensando com os objetos: arte, cultura material e visual na coleção Eugênia e Jerônimo Ferreira das Neves. In: MALTA, Marize; PEREIRA, Sonia Gomes; CAVALCANTI, Ana (Orgs.). **Ver para crer: visão, técnica e interpretação na Academia.** Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, 2013, p.183-193.

_____. Sobre sentidos dos objetos conforme lugares que ocupam: um olhar sobre a coleção Jerônimo Ferreira das Neves. In: OLIVEIRA, Emerson Dionisio G. de; COUTO, Maria de Fátima Morethy (Orgs.). **Instituições da arte.** Porto Alegre: Zouk, 2012b, p.191-207.

_____. Objetos religiosos, uma coleção, algumas biografias: fé e arte na coleção Ferreira da Neves. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE. ARTE EM AÇÃO, 36., 2016. Campinas. **Anais...** Campinas: CBHA, 2017, p.361-371.

_____. Três coleções e três destinos para ensaiar uma história da arte multifocal. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE. TERRITÓRIOS DA HISTÓRIA DA ARTE, 34., 2014, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia/CBHA, 2015b, p.1267-1275.

MALTA, Marize; FRANÇA, Elaine Moraes. Xícaras na coleção de Jerônimo Ferreira das Neves: tomar chá, café e chocolate e colecionar formas. In: TERRA, Carlos Gonçalves; MALTA, Marize (Orgs.). **Por dentro: fontes, problemáticas e rumos no MDJVI. Arquivos 23**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014c, p.125-140.

MOVIMENTO NO PORTO. **Diário do Rio de Janeiro**, p.3, 2 e 3 de novembro de 1871.

PEREIRA, Sonia Gomes. Coleção Jerônimo Ferreira das Neves: uma coleção portuguesa no museu D. João VI no Rio de Janeiro. In: **Actas do III Seminário Internacional Luso-Brasileiro**. Porto: CEPESE/Universidade do Porto, 2009. p. 245-259.

_____. Fluxo de objetos no tempo e no espaço: a trajetória da coleção Ferreira das Neves. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE. ARTE>OBRAS>FLUXOS, 30., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CBHA, 2011, p.884-894.

_____. **O novo museu D. João VI**. Rio de Janeiro: EBA Publicações, 2008.

PEREIRA, Sonia; MALTA, Marize. A coleção Jerônimo Ferreira das Neves do Museu D. João VI no Rio de Janeiro. **ARTIS**, Revista de História da Arte e Ciências do Património, Lisboa, n.2, p.60-71, maio 2014.

PORTUGAL. Ministério das Finanças. Repartição de Finanças do 4º Bairro, Freguesia de Encarnação, Lisboa. Autos de liquidação de contribuição de registro por título gratuito. Falecido Jerônimo Ferreira das Neves do lugar R. das Flores 77 em 4 de junho de 1918. Herdeiros ou interessados: D. Maria Ferreira das Neves, ascendente, D. Eugenia Barbosa de Carvalho Neves, cônjuge. Lisboa, 1º jun. 1927. Processo nº 8405. Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças.

PORTUGAL. Ministério das Finanças. Repartição de Fazenda do 3º Bairro. Freguesia de Encarnação. Autos de liquidação para pagamento de contribuição de registro por título gratuito da herança de Jerônimo Ferreira das Neves. Lisboa, 1890-1891. Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças.

PORTUGAL. Ministério do Reino. Decretos. A. Jal. Agraciados como cavaleiros da Ordem da Torre e Espada. 30 dez. 1850. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

PORTUGAL. Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa. 2ª Vara. 2º Ofício. Autos cíveis de inventário entre maiores. Inventariado: Dr. Jerônimo Ferreira das Neves. Inventariante: D. Maria Ferreira das Neves. Processo nº 2004, 1919. 3 V. + apenso. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, nº de registro 230203.

SERRÃO, Vítor. Pinturas dos 'Primitivos' nas antigas coleções reais do Rio de Janeiro e no actual Museu D. João VI. In: MALTA, Marize et al.(Org.). **Histórias da arte em coleções: modos de ver e exibir no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: RioBooks/Faperj, 2016.

_____. Quatro ignorados painéis dos Mestres de Ferreirim no Museu D. João VI da Universidade

Federal do Rio de Janeiro. In: ACTAS DO SEMINARIO INTERNACIONAL ESTUDO DA PINTURA PORTUGUESA: Oficina Gregório Lopes. Lisboa: Instituto José de Figueiredo, 1999.

SOARES, Clara Moura; NETO, Maria João. O gosto pelo colecionismo de vitral antigo em Portugal e no Brasil no século XIX – a coleção Ferreira das Neves. **ARTISON**, Lisboa, n.5, 2017, p.236-249.

SOUSA VITERBO, Francisco Marques de. **Artes e artistas em Portugal. Contribuições para a história das artes e indústrias portuguesas**. Lisboa: Livraria Ferreira, 1892.

_____. **Artes e artistas em Portugal: contribuições para a História das Artes e Industrias Portuguezas. 2ª edição correcta e aumentada**. Lisboa: Livraria Ferin-Editora, 1920.

_____. **Artes e Industrias metálicas em Portugal. Relojoaria, sinos e sineiros**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915.

_____. **Diccionario histórico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes e à serviço de Portugal**. Vol. 1 A-G. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899.

_____. **Noticia de Alguns Pintores Portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal**. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1903.

TEIXEIRA LEITE, José Roberto. Pinturas flamengas ou de estilo flamengo dos séculos XV e XVI no Brasil. **Revista Módulo**, Rio de Janeiro, n. 20, 1960.

VASCONCELOS, Joaquim de (Ed.). **Quatro diálogos da pintura antiga: Francisco de Hollanda, Miguel Angelo, Vittoria Colonna, Lattanzio Tolomei**. Porto: s.n., 1896.

VOLPI NACIF, M. C. A aparência vestida na Coleção Ferreira das Neves. In: MALTA, Marize (Org.) **O ensino artístico, a história da arte e o Museu D. João VI**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2011. p. 38-43.

_____. Imagens desdobradas: os leques da Coleção Ferreira das Neves. In: MALTA, M.; PEREIRA, S.; CAVALCANTI, A. (Orgs.). **Ver para crer: visão, técnica e interpretação na Academia**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2013a. p.195-205.

_____. Os guardados de Eugênia: objetos pessoais da Coleção Ferreira das Neves. In: MALTA, M.; TERRA, C. (Orgs.) **Por dentro: fontes, problemáticas e rumos do MDJVI. Arquivos da Escola de Belas Artes 23**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ. 2014a. n. 23. p. 141-151.

_____. Os leques da Coleção Ferreira das Neves. In: **Revista VOXMUSEI Arte e Património**. Lisboa: Faculdade de belas Artes da Universidade de Lisboa, Centro de Investigação e de Estudos em Belas Artes. Volume 1, numero 1, janeiro - junho, 2013b. p. 298 -310.

_____. Penas para que te quero! O circuito da arte plumária não indígena brasileira no oitocentos. In: NETO, M. J. MALTA, M. (Eds.) **Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX; perfis e trânsitos**. Casal de Cambra, Portugal: Edição Caleidoscópio, 2014b. p. 183-194.